



“MARCO MISSIONEIRO”: ESTUDOS DE SALVAGUARDA E HIPÓTESES DE INTERPRETAÇÃO

Ana Carolina Lorenzet Galvan¹
Bruno Almeida Silva²
Giúlia Machado Cittolin³

Resumo

Esse estudo tem como objetivo apresentar os procedimentos realizados pela equipe de professores e bolsistas vinculados ao Laboratório de Cultura Material e Arqueologia (LACUMA) da Universidade de Passo Fundo, no desenvolvimento do projeto de salvaguarda e interpretação do “Marco Missioneiro”, oriundo da Região Norte do Rio Grande do Sul, precisamente da cidade de Fontoura Xavier. A análise do artefato, compreendido como cultura material - segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem -, problematiza a versão oralmente difundida pela comunidade da origem missioneira.

Palavras-chave: Cultura Material; Interpretação; Marco Missioneiro; Salvaguarda.

Abstract

This study aims to present the procedures performed by the team of professors and students linked to the Laboratory of Material Culture and Archeology (LACUMA) of the University of Passo Fundo, in the development of the project to safeguard and interpret the "Missionary Mark" of Rio Grande do Sul, precisely in the city of Fontoura Xavier. The analysis of the artifact understood as Material Culture - the segment of the physical environment that is socially appropriate by man -, problematizes the version orally spread by the community whether the artifact has a missionary origin or not.

Keywords: Material Culture; Interpretation; Missionary Mark; Safeguard.

Introdução

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade de Passo Fundo.

² Acadêmico do curso de História da Universidade de Passo Fundo.

³ Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo.



A partir de novembro de 2016, com a chegada da “estela missioneira”, vinda do município de Fontoura Xavier e encaminhada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para pesquisa e interpretação no Laboratório De Cultura Material e Arqueologia, as atividades concentraram-se na higienização, pesquisa e análise da imagem, que compõe uma das peças mais significativas do inventário iconográfico (de hipótese missioneira), pela representação incomum que apresenta.

Além disso, fez-se leitura de material bibliográfico e realizou-se catalogação de imagens referentes ao assunto estudado no momento, que consiste em interpretação de material lítico presente no Laboratório. As imagens catalogadas são de antes, durante e depois da higienização de tal material. Mencionado isso, torna-se interessante citar que o material em questão passou por um processo de higienização e decalque, que serão comentados mais longamente no capítulo a seguir, bem como foi feita uma pesquisa de campo sobre o mesmo, abrangendo entrevistas e visitas ao local de origem do material lítico. O próximo capítulo apresenta o Laboratório; o segundo capítulo trata da metodologia das duas principais fases da pesquisa. A seguir, encontra-se a análise dos resultados levantados através desta pesquisa e etapas subsequentes da pesquisa, após, possíveis conclusões. Por fim, constam as referências bibliográficas usadas para embasar a pesquisa.

O Laboratório de Cultura Material e Arqueologia (LACUMA)

As instalações do Laboratório de Cultura Material e Arqueologia localizam-se no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade de Passo Fundo. O espaço é destinado a investigações e salvaguarda do acervo arqueológico para projetos de pesquisas junto ao Centro Nacional de Arqueologia (CNA), ao Departamento de Normas e Licenciamento (DEPAM) e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

As atividades do Laboratório de Arqueologia e Cultura Material da Universidade de Passo Fundo contemplam a preservação de acervos de cultura material vinculado a



realização de pesquisas acadêmicas, doações e licenciamentos/contratos. Entre as suas atividades, promove cursos de formação profissional sobre conservação, formação de acervos, limpeza de material iconográfico, lítico e cerâmico; elaboração de documentação gráfica e fotográfica, com a descrição de artefatos arqueológicos, construção de bancos de dados e catalogação dos acervos. Elabora laudos em temas de cultura material e executa projetos de educação patrimonial.

Metodologia

A primeira fase da pesquisa - higienização, decalque e desenho arqueológico - foi baseada na apostila Técnicas de Laboratório em Arqueologia. Para a higienização do material lítico, que se encontrava com bastante quantidade de musgo e terra, foram utilizadas escovas de cerdas firmes, água e materiais não abrasivos, como palitos de madeira. A escova e a água serviram para lavar a terra, e o palito para a retirada de manchas esporádicas e musgos, processo que durou em torno de um mês.

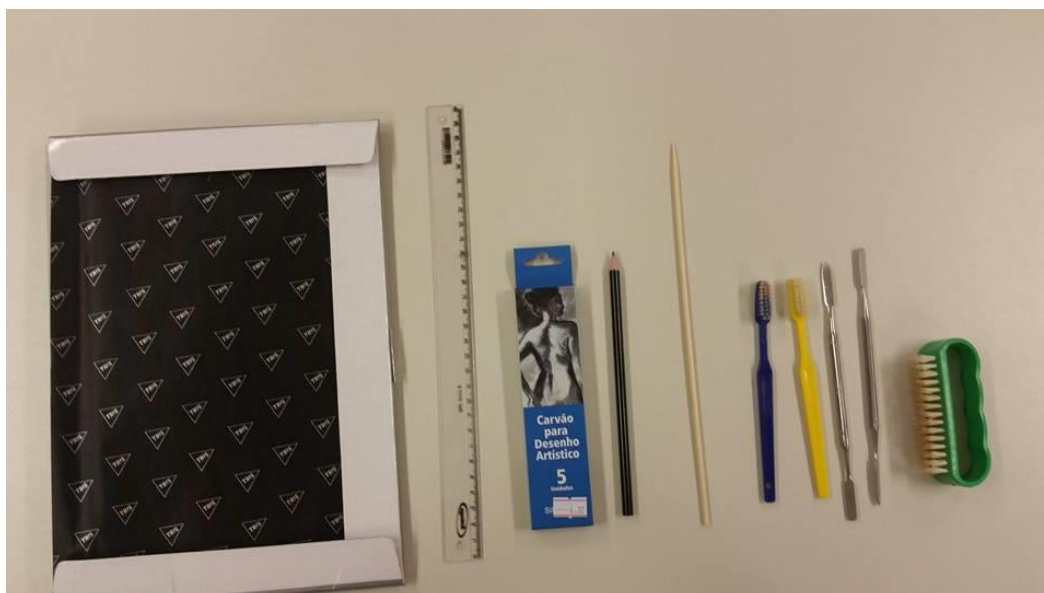


Figura 1 Materiais utilizados para higienização e decalque.



Após higienização e secagem do material, que deve ocorrer à sombra, preferencialmente num local com boa circulação de ar (VICROSKI, 2012, p. 27), foram feitas experiências com diversos materiais para o melhor resultado do decalque. Os materiais utilizados foram: papel carbono, tecido morim, papel seda, carvão e lápis 6B. Dentre estes, o que apresentou melhores resultados foi a combinação do tecido morim com o papel carbono. A técnica se baseia em posicionar o tecido sobre o material lítico e friccionar o papel carbono sobre o tecido.



Figura 2 Processo de higienização.



Figura 3 Processo de decalque com lápis 6B e papel seda.



Figura 4 Processo de decalque com papel carbono e tecido morim.



Figura 5 Foto negativa do decalque.

Posteriormente, foi realizada a documentação fotográfica. Para que se possa obter o máximo proveito deste recurso, é importante seguir algumas orientações básicas que qualificam o registro fotográfico. O artefato arqueológico é o objeto de interesse central, neste caso deve-se criar as condições necessárias para que ele se destaque. Para tanto, pode-se utilizar um plano de fundo, isolando eventuais elementos secundários,



utilizando, por exemplo, um pano com coloração neutra para assegurar uma luz uniforme. A coloração do fundo pode variar de acordo com o objeto a ser fotografado. Também pode-se inserir uma pequena chapa de vidro, mas obviamente deve-se buscar um ângulo que evite a reflexão da luz. Este recurso pode aumentar a sensação de profundidade do objeto fotografado, além de produzir um bom resultado estético. Como não haverá outros objetos na imagem que possibilitem uma referência de tamanho, é importante a utilização de uma escala em centímetros, com extensão variável de acordo com o tamanho da peça. O ideal é que a máquina fotográfica esteja fixada num tripé, o que possibilita um tempo de exposição maior e evita que as imagens fiquem desfocadas ou tremidas. A fonte de luz pode ser tanto natural como artificial, desde que haja condições de redirecioná-las de forma que incida sobre o objeto, ressaltando suas formas e detalhes. Devido à proximidade entre a máquina fotográfica e o objeto, nem sempre a utilização do flash produz bons resultados, por isso pode-se utilizar uma fonte de luz artificial, como uma lâmpada ou luminária, ou direcionar a luz natural através de pequenos painéis reflexivos que podem ser confeccionados com papelão revestido com papel alumínio. Por fim um detalhe importante é a utilização do modo MACRO da máquina fotográfica, possibilitando a proximidade com o objeto fotografado e o grau de detalhamento necessário. Dependendo da qualidade da máquina, este recurso desfoca a área no entorno do artefato, realçando-o.

Apesar da contribuição inegável da fotografia, “*o desenho constitui um importante elemento para a análise tipológica, além de possibilitar o realce ou destaque de características importantes para o conhecimento arqueológico*” (VICROSKI, 2012, p. 29). No final, “*A partir do ‘esqueleto’ apresentado, o leitor deverá imaginar, ou reconhecer, os objetos reais, muito mais ricos e complexos. O desenho da peça [...] pretende dar uma visão mais completa de um artefato real*” (PROUS, 1992, p. 100).

Não existem regras rígidas para a documentação gráfica, no entanto, há algumas orientações que devem ser seguidas para possibilitar a “leitura” do objeto representado graficamente. A metodologia utilizada depois de fotografado o material, consistiu no



uso das fotografias do material, do negativo do decalque, do papel carbono e da observação do material. O procedimento do decalque e do desenho também durou em torno de um mês.

O objeto pode ser representado através de uma projeção plana de umas das faces ou ainda sob diferentes ângulos e cortes transversais e longitudinais. Tal escolha dependerá das características do objeto e dos elementos que se pretende destacar. Com relação aos artefatos líticos, a superfície natural (córtex) é representada com pontilhados, as linhas finas representam as superfícies côncavas e convexas, que podem ser sombreadas com tracinhos curvos indicando seu relevo, já as linhas mais grossas delimitam o contorno das peças. Alguns sinais como pequenas setas podem ser utilizados para indicar o plano de percussão, a localização dos retoques e demais características que se deseja ressaltar.

A segunda fase foi uma pesquisa de campo na cidade de Fontoura Xavier/RS. Foram realizadas entrevistas, além de uma visita ao local onde originalmente encontrava-se o material lítico. Essas entrevistas e visitas foram documentadas através de gravações de voz, pequenos vídeos e fotografias. Também nesta etapa, foram fotografados outros materiais líticos que se encontravam nas proximidades do local original do “Marco”, que apresentavam entalhes semelhantes com certas escritas da pedra que vem sendo estudada. Após isto, foram transcritas as entrevistas para a interpretação dos dados.

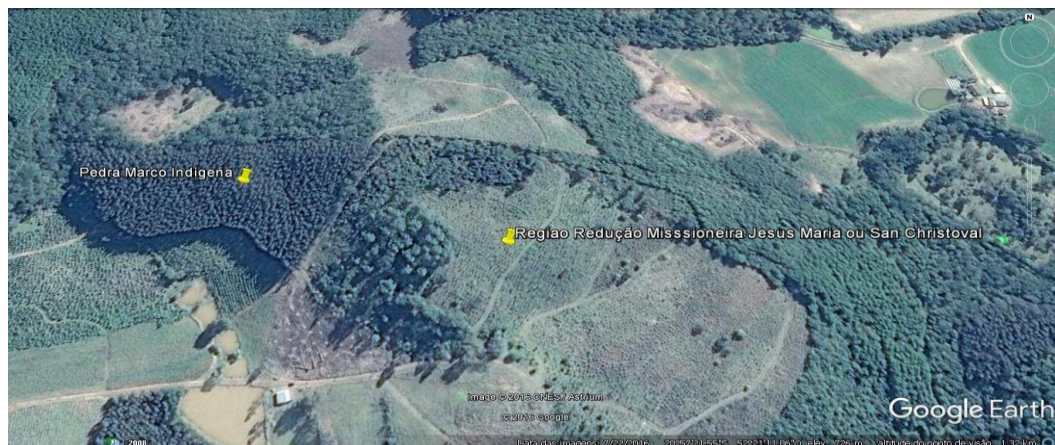


Figura 6 Localização original do “Marco”.



Figura 7 Outras pedras encontradas no local.



Realizadas as duas fases, iniciaram-se os procedimentos teóricos de interpretação e levantamento de hipóteses.

Análise de Resultados

Ao concluir as fases metodológicas da higienização, decalque, desenho e pesquisa de campo, foi possível chegar, no mínimo, a três hipóteses de interpretação.

- **Marco Missioneiro:** analisando mapas históricos, que indicam que um caminho missioneiro jesuíta passava pela região de Fontoura Xavier, onde se encontrava originalmente o material lítico, e comparando-os com os mapas atuais, torna-se possível supor que o material se tratava de um marco para tal caminho.
- **Imigrante Alemão:** Os munícipes de Fontoura Xavier alegam que em meados do século passado vivia um alemão “caduco” na cidade. Segundo eles, o sujeito passava dias em meio aos bosques sozinho, escrevendo em pedras. Esses apontamentos sugerem uma visão que continua um tanto conservadora, uma vez que o sujeito que pode ter desenhado nas pedras talvez não fosse louco, apenas um artista, ou alguém que realmente apreciava a solidão e a natureza. Essa hipótese fundamenta-se também em outras pedras que foram encontradas na região, as quais parecem estar escritas em alemão arcaico e tem alguns traços semelhantes com o material que se encontra no LACUMA.
- **Dois momentos de gravuras no material:** Essa hipótese, fundamentada na observação das incisões na pedra, sugere uma visão mais ampla de temporalidade histórica. Ela trata da questão da longa duração do processo histórico da pedra. Desse modo, as interferências parecem ter acontecido em dois, ou talvez mais, momentos. Primeiramente, considera-se a possibilidade de ser um Marco Missioneiro, observando que o desenho principal não contém escrita e é gravado mais profundamente no material, além de aparentar ser bem



antigo. Em segundo lugar, há a possibilidade da escrita do sujeito alemão, notando-se que as partes onde há uma escrita na pedra são parecidas com as das outras pedras encontradas na região. Além disso, a espessura e o traço dos possíveis dois momentos são diferentes, e essa diferença é perceptível a olho nu.

Etapas Subsequentes da Pesquisa e Considerações Finais

As hipóteses levantadas até o momento permanecem como hipóteses. O estudo e interpretação do material ainda estão sendo feitos. Neste caminho, a equipe do Laboratório considerará a presença quilombola na região, através da leitura de bibliografia específica.

O trabalho encontra-se em desenvolvimento, não tendo assim conclusões. O que se pode afirmar é que o assunto está longe de ser uma fonte esgotada de conhecimento sobre a história do Rio Grande do Sul.

Referências Bibliográficas

FUNARI, Pedro Paulo, NOELLI, Francisco Silva. Pré-História do Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Org.) Povos Indígenas. História Geral do Rio Grande do Sul, vol. 5. Méritos: Passo Fundo, 2009.

GOLIN, Tau. O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

KERN, Arno Alvarez. Antecedentes indígenas. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

KERN, Arno Alvarez (Org). Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.



LOREDO, Wanda M. Manual de Conservação em Arqueologia de Campo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. Departamento de Proteção. Rio de Janeiro, 1994.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul. Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica. Madrid: Ediciones Akal, 1998.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (et ali). Arqueologia no Planalto Meridional entre os Vales dos Rios Jacuí e Pardo/RS.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - Unisinos, 1988.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Pré-História do Rio Grande do Sul. Documentos 05. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, 1991.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. Técnicas de Laboratório em Arqueologia: Procedimentos básicos para conservação de acervos, promovido pelo Núcleo de Pré-História e Arqueologia (NuPHA/PPGH/UPF), 2012.